

[ENTRE PAISAGENS] OU SOBRE 'SER' ARTISTA PROFESSOR

Jociele Lampert¹

RESUMO

Este texto pretende apresentar conceitos de paisagem que dão margem a construção de uma pesquisa de prática artística no campo das Artes Visuais, especificamente em Arte Educação, ancorando-se na percepção do artista professor. A pesquisa deriva de minha vivência como professora visitante no Teachers College na Columbia University nos Estados Unidos, durante o ano de 2013, onde tive a oportunidade em observar e vivenciar, a articulação entre práticas artísticas e saberes pedagógicos no ensino de pintura (especificamente). Parte deste texto foi apresentado, na Anped Sul em Florianópolis - SC (2014), no GT de Arte Educação.

Palavras-chave: Pesquisa. Arte Educação. Artista Professor.

#Paisagem 1: Ao entrar na sala exposições da National Academy Museum, na Fifth Avenue em New York, foi possível vislumbrar a circunferência, mesmo que não evidente, presente em cada obra. Eram desenhos (pareciam gravuras ao longe) em grande dimensão, formando uma fileira com cerca de 60 desenhos que, conduzia até a sala principal da exposição, onde estavam pincéis sobre uma mesa e uma grande projeção. Eu li no texto da parede que os trabalhos foram realizados durante a residência artística no Mountain Lake Workshop, na Virginia durante os anos 80 e 90. No texto também havia um breve resumo da biografia do artista e algo me chamou atenção: ministrou aulas no Black Mountain College para vários outros artistas. Eu lembrei que o Black Mountain College era considerado por muitos teóricos como a Bauhaus no contexto da América, e que Dewey, também influenciou o currículo dessa escola, assim como, o currículo da New School, outra escola ainda em funcionamento nos EUA, conhecida pelo currículo contemporâneo de Dewey. Havia uma contagem numérica no áudio da sala, que era insistente ou quase meditativa, após o número anunciava-se a data, com o mesmo tom de voz, enquanto era possível ver o artista 'pincelar' o contorno das pedras, cada pedra com tamanhos e medidas diferenciadas. A marcação fazia referência ao I Ching

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

(que encontramos no Livro das Mutações). Havia um silêncio e uma leveza em ver a marcação no papel. As pedras enfileiradas eram como arquivos de livros, com informações, histórias e agora o artista realizava sua leitura, eram pistas, esboços de algum lugar, tempo de uma paisagem. John Cage, foi um artista reconhecido por suas performances musicais, mas também, pela sua extensa produção em gravura, desenho e pintura. É influência e exemplo para gerações de artistas. Profundamente influenciado pela filosofia oriental, adotou uma prática artística não convencional que foi baseada no acaso. Procurou eliminar o 'toque pessoal do artista', invocando indeterminação e empregando 'operações de oportunidade', como seu método de trabalho transdisciplinar. A exposição que vi em outono de 2012, chamava-se: The Sight of Silence.

#Paisagem 2: Com a cabeça besuntada de mel e folhas de ouro, Beuys adentrou sua exposição de pintura, falando, conversando sozinho, com uma lebre morta em seus braços – o público fora excluído de sua performance, apenas, podendo observar pela janela a ação. A performance artística faz menção a ação de 26 de novembro de 1965, realizada pelo artista professor Joseph Beuys, e foi intitulada "como se explicam quadros a uma lebre morta". Há inúmeras interpretações pertinentes para esta obra/ação. Pergunto-me: as lebres entendem melhor que as pessoas? Quem ou o quê seria esta lebre? Porque explicar quadros a uma lebre morta? Bem, uma lebre morta não escutaria realmente o que o artista estava falando, então qual é a metáfora? Um possível caminho, é a ideia de que todos nós seríamos um pouco da lebre morta. Quando passamos por imagens e não a olhamos, ou nem mesmo percebemos, quando folhamos revistas sem compromisso, quando andamos na rua e passamos pelas pessoas sem as verem realmente, quando ligamos a TV e vamos fazer outras atividades, depois de um dia extenuante de trabalho, quando fingimos escutar atentamente a uma conversa e estamos pensando em outras coisas. Chego a conclusão de que todos nós, somos ou temos um pouco, daquela lebre morta. Por outro lado, vestimos o personagem/figura do artista a todo o instante: quando indagamos perguntas que muitas vezes não têm respostas ou quando prestamos atenção em algo que parece desinteressante para a maioria das outras pessoas. Quando eu estou ministrando aula, e as vezes, vejo o olhar vazio de alguns alunos, sempre lembro da performance de Beuys. Como fazer para

explicar algo, a alguém que aparentemente não quer ou não pode entender?! Em meu vão esforço como professora, faço tessituras para ressuscitar a lebre morta, sabendo que mais depende dela querer ser ressuscitada, do que eu poder fazer isto – então, não haverá saída para a lebre?

Como professora de Graduação e Pós-Graduação em Universidade pública no Brasil, tenho me questionado: como desenvolver um estudo prático e teórico no ensino e aprendizagem das Artes Visuais? Como abordar isto na formação inicial de professores de Artes Visuais? Minhas reflexões incidem sobre o tema do artista professor. O termo foi usado inicialmente por George Wallis, em meados do século dezenove, e vem sendo construído desde então, para firmar um retrato pedagógico da identidade associado a práxis do fazer/saber/sentir Arte. Desde então, uma rede de ações, textos/teorias e práticas foram desenvolvidas, para entender o processo de pensamento que discute o lugar do artista professor, que é um processo conceitual de ampliar um modo artístico e estético de pensar o ensino de Arte. Cabe ressaltar que todo o objeto artístico poderá ser passível de dinâmicas pedagógicas, políticas e discursivas. Compreender isto pode reportar para uma forma autônoma e colaborativa (relacional) no sentido do entendimento ao que fazemos no ensino de Arte. Assim, também é relevante salientar que a Arte que ensinamos na Universidade é diferente da Arte, que circula no sistema e mercado de Arte, que é diferente da Arte que ensinamos na Escola. Trata-se do mesmo cerne (Arte), e no entanto, com objetivos e propositores diferenciados.

Tanto a #Paisagem 1, quanto a #Paisagem 2, apresentam exemplos significativos para a compreensão das dinâmicas pedagógicas, políticas e discursivas sobre a paisagem, como campo das Artes Visuais. Configuram-se como exemplos de produção e reflexão crítica sobre o território daquele que produz e ensina e deambula sobre um caminho totalmente permeado de subjetividades.

'Entre Paisagens' configura não apenas a nomenclatura do Grupo de Pesquisa CNPq/UDESC onde me situo como professora, mas sim, direciona uma práxis de fazer artístico como pesquisa, que evidencia direcionamentos ao ensino, pesquisa e extensão, na via da Universidade. Neste entre, situa-se a prática de olhar sobre

a formação inicial de professores, que tem como eixo principal a construção e estrutura da experiência poética de pesquisa sobre e em Artes Visuais.

Seguindo esta perspectiva, e evidenciando os procedimentos metodológicos e pedagógicos, instaurados no espaço/tempo/lugar de minha 'professoralidade', imersa no Ensino Superior, bem como, das possibilidades e potência da articulação entre o saber/fazer da prática docente e artística, construí, um Grupo de Estudos, intitulado, 'Estúdio de Pintura Apotheke', que representa a busca por pesquisas, ancoradas na paisagem da experiência artística, que pode gerar outras instâncias de produção e reflexão. Neste espaço, questões sobre Arte como experiência, ou ainda, sobre o lugar de quem produz e de quem ensina Arte ou simplesmente de um saber/fazer competente ao artista professor, surgem constantemente e evocam a investigação sobre o modo como o ensino/aprendizagem influencia atitudes, crenças, valores, bem como, estudos e produções artísticas dos sujeitos (artistas professores) pesquisadores, envolvidos com o grupo. Propõe-se investigar a educação em tessitura do espaço/tempo, e das articulações cartográficas, entre o professor e o ser artista professor, com a clave sobre a prática artística. De acordo com o projeto de pesquisa "Arte Educação pela pintura: a produção artística do artista professor", constata-se:

O grupo de estudos Estúdio de Pintura Apotheke surge do Projeto de pesquisa "Arte Educação pela pintura: a produção artística do artista professor". Este apresenta uma tessitura coerente ao contexto do ensino de arte contemporâneo. Pois, deriva da articulação possível entre teoria e prática, assim como, pode abordar questões pertinentes a quem ensina e produz Arte. O' seja, a escolha da articulação entre Arte Educação e pintura, em meio as questões que permeiam a construção do conhecimento do artista/professor/pesquisador, decorre da busca permanente por amplo repertório de quem ensina e produz e pesquisa no contexto pictórico. (Lampert, 2013, p. 3)

Há duas linhas que pairam sobre o tema do artista professor: a primeira, instaura que é preciso ter produção, reconhecimento, receber crítica, curadorias e ser legitimado pelo sistema de circuito de Arte; A

segunda, (a qual, penso fazer parte), aponta para a percepção sobre o tema, evidenciado por eixos: de perceber no ato criativo a concepção de planejamento e metodologia para aulas, bem como, da relevância em ter processos criativos singulares e experimentações (seja por meio de cadernos, diários, anotações, até em produção sistemática que pode estar (ou não) inserida em um sistema e circuito de Arte, ou da conversa com artistas e reflexões sobre outros textos e diálogos e exemplos de outros processos. Ou seja, para ser um artista professor, é necessário ter a pesquisa poética como inerente ao processo de criação), também ponderar sobre o lugar/tempo/espço de produção e recepção do 'objeto' artístico. Assim como, compreender a produção de conhecimento sobre o ensino e aprendizagem, articulada com o espaço da sala de aula, da Escola, do estúdio do artista ao diário, ao caderno e/ou à cidade, onde deambulamos sobre diferentes visualidades, e que, poderá servir de lugar para outros processos formativos, fora de conteúdos e currículos, a isto nomeia-se como transcognição, segundo Sullivan (2005).

De acordo com Sullivan (2005) cabe ressaltar o campo da prática e seus meios e fins, de acordo com o quadro que segue para o entendimento do lugar/tempo/espço sobre a pesquisa:

No artigo Estúdio de Arte como prática de pesquisa Sullivan (2005), aponta que a pesquisa em Arte Educação envolve fazer perguntas e procurar respostas que nos permitam melhor compreender como fazer Arte, estudar Arte e ensinar Arte. E desta forma, na elaboração de métodos investigação, educadores geralmente procuram adaptar práticas da pesquisa tradicional existentes nas ciências humanas. A articulação ciência e Arte, pode gerar conflito e obviamente a consciência de um objeto de pesquisa, circula muito mais pela geração/ criação/instauração de problemas, do que no caso uma solução do problema (que é apenas pautada no recorte da pesquisa). Assim, o trabalho de Arte carrega em sua própria posição como uma forma de conhecimento. A pesquisa comunica novos insights nas formas que objetos carregam significados sobre ideias, temas, e questões. Como um objeto de estudo, um trabalho de Arte é uma forma construída individualmente e culturalmente, que pode ser utilizada para apresentar ideias, e assim, pode

ser examinada como uma fonte de conhecimento. O que desejo deixar claro, é que a investigação é inerente ao lugar/tempo/espaco daquele sujeito artista professor. Como exemplo, do lugar/tempo/espaco que é criativo/inventivo/imaginativo pode ser atribuído tanto na elaboração de seus planejamentos de aula quanto em projetos artísticos, sendo que um retroalimenta o outro, instaurando um fluxo contínuo entre tais deambulações/caminhos de paisagens distintas.

CAMPO DA PRÁTICA					
	Artista	Esritor de Arte	Trabalho de Arte	Cultura Visual	
CAMPO DA TEORIA	Fins	<p>Pesquisa "EM" Arte</p> <p>Interesse de pesquisa compreensão "em" Arte pelo insight individual</p> <p>Características: - individual-social - ideias construídas</p>	<p>Pesquisa "SOBRE" Arte</p> <p>Interesse de pesquisa compreensão "sobre" Arte pela interpretação</p> <p>Características: - teórico-institucional - pareceres (visões) construídas</p>	<p>Pesquisa "DE" Arte</p> <p>Interesse de pesquisa compreender "de" Arte pelo conhecimento</p> <p>Características: - histórico-cultural - sistemas e acontecimentos construídos</p>	<p>Pesquisa "ATRAVÉS" da Arte</p> <p>Interesse de pesquisa compreender "através" da Arte pela contextualização</p> <p>Características: - político-cultural - situações construídas</p>
	Meios	<p>Origem de dados: o próprio sujeito</p> <p>Método: - estudo por si próprio - estudo de caso</p>	<p>Origem de dados: outros</p> <p>Método: - crítica de arte - história da arte</p>	<p>Origem de dados: objetos</p> <p>Método: - cultura material - estudo</p>	<p>Origem de dados: contextos</p> <p>Método: - estudo cultural - estudo educacional</p>

[ENTRE] PAISAGENS

O termo paisagem vem sendo utilizado com mais frequência na contemporaneidade, em área do conhecimento como a geografia,

a biologia, o urbanismo e a política. Na História da Arte o termo é usado para confirmar um gênero de pintura. Para Maderuelo (2010), a paisagem não é uma realidade física, ou objetos ou a própria natureza em si, mas sim, é uma construção, uma elaboração mental que ativamos por meio de fenômenos culturais. Desta forma, mapas e telas, podem configurar cartografias pictóricas tecidas a partir de experiências.

Assim, Arte sempre ocupou um lugar indispensável na vida do homem, não somente usada como instrumento para desenvolver sua criatividade e percepção, mas especialmente importante em si mesma, como assunto e objeto de estudo. Constitui-se de modos específicos, de manifestações da experiência criativa do homem ao interagir com o mundo em que vive. Deste modo, ressalta-se que a atividade criativa é 'inerente' ao ser, por apresentar múltiplas combinações entre diversas áreas de conhecimento, bem como, emoções e ideias de cada indivíduo. Assim desde o nascimento, o indivíduo vive rodeado em um mundo de histórias e produções culturais, que contribuem para a estruturação do 'senso' estético/ético/crítico: interagi-se e aprende-se com manifestações culturais a demonstrar o prazer e gosto por imagens, objetos, músicas, histórias, jogos e informações com as quais ocorre a comunicação cotidianamente. Desta maneira, da-se forma ao gosto e ao julgamento de apreciar ou não apreciar as diferentes manifestações culturais de um grupo social.

Para Simon Shamá (2009, pág. 70), paisagem poder ser "cultura antes de ser natureza, uma construção da imaginação projetada sobre mata, água, rocha. No entanto, cabe também reconhecer que, quando uma determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário". Desta forma, o artista partilha um mundo de imagens, permanentemente produzidas, lidas que podem ser decodificadas ou não. Mas verifica-se a busca e atribuições de sentido a tudo, ou seja, procura respostas para formas e questionamentos simbólicos que configuram a multiculturalidade humana, visando uma construção de um modo poético pessoal e singular de tornar visível o olhar sobre o mundo, eis o olhar do artista professor.

Em 'A invenção da paisagem', Anne Cauquelin (2007), demonstra que a paisagem não é apenas parte da natureza, mas sim, uma construção conceitual humana, que busca o equivalente na natureza.

A paisagem mostra-se como um conceito aberto, evidenciando um modelo mais cultural, do que o ideal estético. Clark (1961), aponta que a pintura de paisagem marca as fases de nossa concepção de natureza, assim, símbolos são aceitos como realidades até certo ponto, até o caráter visual ser transgredido por outras paisagens ou quebras de fronteiras e territórios. Desta forma, a escolha da vivência em Arte como meio profissional, ocorre através da descoberta da arte como experiência, como um campo expressivo que propõe certas possibilidades, dentro de limites paradoxalmente chamados de impossibilidade. Arte seria então, uma maneira de refletir sobre a vida e aprofundar-se na realidade, colaborando no seu descobrimento e compreensão. Para tanto, o artista utiliza um determinado referencial, do qual apropria-se passionalmente, assim procura sua identidade mergulhada na memória da infância e nas suas relações de angústia e alegria, despertando em si próprio o amor pelo fazer e o sentimento de estar-se envolvido, de aprender a gostar em descobrir-se (ou perder-se). Acontece o que May (1982, p. 43) descreve de "encontro", como sendo: "absorção, arrebatamento, envolvimento completo" em um lugar/tempo do processo criativo, que configura uma paisagem, eis a percepção do artista professor. Neste sentido, acredita-se que o artista pode integrar à sua Arte o conjunto de ideias que o rodeiam, sendo capaz de 'expressar' seus valores, crenças e desejos. Algo que faz lidar com valores estéticos e éticos dentro da natureza, crítica social e uma visão política do mundo, conforme descreve Kandinsky (1990, p. 110):

O artista não deve educar somente os olhos, é a alma, sobretudo, que ele deve tornar capaz de pesar a cor em suas sutis balanças, de desenvolver todos os meios para que, no dia do nascimento de uma obra, ela não esteja apenas em condições de receber impressões exteriores (e naturalmente, por vezes, de suscitar impressões interiores), mas também de agir como força determinante.

O artista conduz um processo de criação que conforme o pensamento de segundo Valéry (1995), no processo de desenvolvimento imaginário participam cultura, meio, análises, procedimentos, instrumentos, materiais, recursos, suportes de ação

e reflexões que circundam a poética "ou poiética", que trataria da criação de obras, nas quais a linguagem é substância e meio, compreendendo o estudo da invenção, da composição, do acaso, da imitação e da reflexão. "Na poiética, o criador libera-se dos códigos e convenções para, então, colocar-se em situação poética". No pensamento de Paul Valéry apud Meira (2003, p. 28) "o pintor vale-se do corpo porque o espírito não pode pintar", condição implícita ao processo de instauração da obra. Também Merleau-Ponty apud Meira (2003, p. 28), completa: "com o seu corpo, o pintor sustenta o gesto do espírito, a metafísica do ato criador que mostra como o homem é construtor ao criar", neste sentido, vê-se o entrelaçamento de visibilidade ao movimento, que concerne a auto poética do artista. Merleau-Ponty (1971, p. 279), ainda em seu discurso sobre "olho e espírito" indaga: "o que é um criador como pintor", vinculando fenomenologia a estudos da percepção (gestalt), e completando aponta:

Ao olhar uma paisagem e falar com alguém, o que vejo passa por ele. O verde da planície só meus olhos invadem sua visão, sem abandonar a minha. Uma visibilidade anônima nos habita, devido a esse campo de relações massivas, esse ser intercorporal. A visão se faz do meio – entre – das coisas. (...) Ora, essa certeza injustificável de um mundo comum a todos nós é, em nós, o ponto de apoio da verdade.

Tanto os trabalhos no Grupo de Pesquisa, quanto no Grupo de estudos, derivam projetos poéticos, sobre o processo criativo e o campo da unicidade de pesquisas poéticas individuais, embora, o trabalho seja partilhado entre os participantes, cada artista professor deambula sobre sua intimidade no processo criativo. Nossos encontros, partem de temas práticos: estudo de teoria das cores, feitura de tinta óleo e têmpera artesanias, cianotipia, estudo de aquarela, desenho de figura humana, técnicas de monotipia e encaústica, dentro outras, além da leitura e reflexão sobre os textos de Dewey (2010). Estes estudos apresentam um corpo, não voltado para a representação de paisagens (natural), mas sim, um corpo conceitual na produção de sentido de quem ensina e aprende Arte e compreende o seu espaço/tempo como uma paisagem.

Compreendemos o fazer artístico como caminho para o processo criativo do professor artista, bem como, o mergulho na experiência de seu próprio pensamento plástico. Associo isto, ao que Salles (2011, pág. 47), reflete sobre um projeto poético:

Não há uma teoria fechada e pronta anterior ao fazer. A ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção. As tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são princípios em estado de construção e transformação. Trata-se de um conjunto de princípios que colocam uma obra em criação específica e as produções anteriores de um artista em constante avaliação e julgamento.

Neste sentido, o vestígio, rastro, pista, rascunhos, anotações, cadernos, estudos/projetos (em processo) interessa ao trabalho proposto pelo Apotheke. Pois, como a própria palavra salienta, somos uma espécie de farmácia, laboratório ou armazém. Esta é a paisagem que tem configurado nossa busca e orientando nossos encontros. O saber/fazer/agir para o artista professor torna-se relevante, mas sobre tudo, a experiência em saber/fazer/sentir, que atravessa a construção da subjetividade docente, é o que tem movido a produção de sentido elaborada pelo grupo. Refletir sobre o lugar da Arte na Educação, ou qual o sentido que o ensino de Arte pode trazer para a Educação, são as paisagens ou vertentes, que têm movido os trabalhos do Grupo de Estudos de Pintura Apotheke. Tais vertentes evidenciam o tratamento de conteúdos de pintura referente ao fazer do artista ou professor ou pesquisador. Ou seja, trata-se de ampliar o olhar, o repertório e o saber artístico, tendo a pintura como eixo gerador e propulsor de conceito de Experiência. Espera-se não somente a formação de um grupo participante, mas também, o desenvolvimento de uma articulação para o estudo do campo pictórico e seus possíveis desdobramentos, representações ou interlocuções, sendo no campo da Arte ou da Educação.

A exemplo de Paulo Pasta (2012), em seu livro, resultado de sua Tese de Doutorado na ECA/USP, intitulado 'A educação pela pintura', onde o autor compila diversos textos, sobre outros artistas de referência e apresenta o seu próprio contexto de produção plástica, situando-se como pintor que produz e ensina reflexões

sobre a pintura, como forma e/ou possibilidade para investigação plástica e procedimentos metodológicos, tanto para o ensino de arte, quanto para a prática artística. A exemplo deste artista professor, vem sendo propostas prática de pesquisa para o membros do Grupo de Estudos, que envolviam a práxis, bem como a reflexão sobre. Realizamos encontros de estudos semanais na Universidade e fora da Universidade, em ateliês dos membros, e convidamos outros exemplos de artistas professores para dialogar conosco, por meio de oficinas e conversas sobre a produção artística e o lugar do ensino. O objetivo é oportunizar o desenvolvimento de projetos que versem sobre a prática artística em pintura e seu ensino, utilizando o espaço do ateliê da Universidade e seu entorno como núcleo gerador para diálogos entre o artista professor proponente e o público (estudantes da Universidade). Desta forma, percebe-se no processo pictórico e diferentes formas de representações e interlocuções na contemporaneidade, e isto estende-se ao ensino de arte. Por outro lado, além do objeto pintura como temática para este estudo, ancoram-se reflexões sobre quem é o artista professor, conforme o pensamento de Almeida, 2010, pág. 36:

ser artista, ser professor – os motivos que levam um artista a ser professor, o gostar e o não gostar de ser professor, as relações entre criar e ensinar – o artista na instituição – os prós e os contras de ser professor de arte numa instituição, a pesquisa em arte, a carreira acadêmica e a avaliação da produtividade do artista – o ensino de arte – concepções e procedimentos referentes ao ensino de arte.

Neste sentido, seguindo o pensamento de Almeida e buscando referências, aponta-se o artigo, "Porque e como: Arte na Educação", de Ana Mae, que diz:

Freire estabelece uma taxonomia das visões de Arte/Educação ao longo do século XX. Conceitua Educação como um processo de aprender como inventarmos a nós mesmos. Menos confiante nas nossas invenções do mundo Paulo Freire nos ensinou que a Educação é um processo de vermos a nós mesmos e ao mundo a volta de nós. Enquanto Eisner enfatiza Imaginação

Paulo Freire valoriza-a mas sugere diálogos com a Conscientização social. Para ambos a educação é mediatizada pelo mundo em que se vive, formatada pela cultura, influenciada por linguagens, impactada por crenças, clarificada pela necessidade (PF), afetada por valores e moderada pela individualidade. Trata-se de uma experiência com o mundo empírico, com a cultura e a sociedade personalizada pelo processo de gerar significados, pelas leituras pessoais auto-sonorizadas do mundo fenomênico e das paisagens interiores. É aí, na valorização da experiência que os três filósofos ou epistemólogos se encontram, Dewey, Paulo Freire e Eisner. Se para Dewey experiência é conhecimento, para Freire é a consciência da experiência que podemos chamar conhecimento. Já Eisner destaca da experiência do mundo empírico, sua dependência de nosso sistema sensorial biológico, que é a extensão de nosso sistema nervoso ao qual Susanne Langer chama de órgão da mente.

No livro *Studio Thinking*, Hetland (et al, 2007), é apresentada a perspectiva da sala de aula de Artes Visuais, pensada como estúdio (no sentido de ateliê), não entendida como comparação, mas sim, em articulação. Sendo que em ambos os espaços (aparentemente distantes) desenvolvem-se procedimentos metodológicos semelhantes: apresentação de proposta de trabalho, onde o professor desenvolve explicação teórica, fornecendo exemplos e apresentando referências; seguindo apresenta proposta para desenvolvimento de trabalho de prática individual ou coletiva; gera demonstração e exemplos de outros trabalhos similares, por fim, há uma pausa ou elemento para a discussão pautado no fazer gerando criticidade e reflexão ao processo de trabalho e formas de ensino de Arte, vinculado a prática artística. Neste sentido, a prática de estúdio gera persistência, capacidade espacial, expressividade, capacidade de observação e reflexão e propensão para pensar além do que é concreto ou real. Surge articulação com o desenvolvimento da subjetividade ao passo da tessitura do estudo de materiais e técnicas (tidas como ferramentas). Em articulação pensa-se o espaço da sala de aula como gerador similar ao estúdio, em consonância com possibilidades para o ensino/aprendizagem em Artes Visuais.

Desta forma, Arte e Arte Educação ancoram-se sobre conjuntos de práticas que envolvem o saber fazer, a auto-reflexão, o contexto sociocultural e abordagens históricas, que envolvem a prática pedagógica e a prática artística, como procedimentos de um processo criativo evidenciado pela construção sistemática de experiências. Refletir (e produzir) sobre propostas de ensino/aprendizagem que relacionem teoria e prática é relevante para conectar a subjetividade da prática docente e o próprio processo de formação docente, usando o espaço do ateliê híbrido, como eixo e cartografia como meio de metodologia ou caminho a ser percorrido como possibilidade de trabalho. Conforme Kastrup e Passos (2013), a cartografia é um modo de construir uma realidade a partir daquela que já existe usando o coletivo, os processos subjetivos e a transversalidade da própria temática e si, sendo assim, cria-se a possibilidade de estudar as relações entre a educação e o espaço/lugar/tempo do ateliê de Arte.

[BETWEEN LANDSCAPES] OR ABOUT 'BEING' ARTIST TEACHER

ABSTRACT

This text intends to present landscape concepts that give rise building an artistic practice of research in the field of Visual Arts, specifically in Art Education, anchoring on the perception of the teacher artist. The research stems from my experience as a visiting professor at Teachers College at Columbia University in the United States during the year 2013, I had the opportunity to observe and experience, the relationship between artistic practices and pedagogical knowledge in teaching painting (specifically). Part of this text was presented in Anped in Florianópolis - SC (2014).

Keywords: Research. Arts Education. Arts Teacher.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[Entre Paisagens] ou sobre 'ser' artista professor - Jocielle Lampert

- CLARK, Kenneth. *Paisagem na arte*. Lisboa: Ulisséia, 1961
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HETLAND, Lois; WINNER, Ellen; VEENAMA, Shirley; SHERIDAN, Kimberly; PERKINS, David N. *Studio Thinking: The Real Benefits of Visual Arts Education*. Teachers College Press: New York, 2007.
- KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 25, n. 2, p.263-280, Maio/Ago 2013. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1109/870>>. Acesso em: 11 de maio, 2014.
- LAMPERT, Jocielle. *Arte Educação pela pintura : a produção artística do artista professor*. 2013. Projeto de Pesquisa. Disponível em: <<http://www.ceart.udesc.br/pesquisa-2/projetos-de-pesquisa/>>. Acesso em: 28 de junho 2014.
- LAMPERT, Jocielle. *Artist's diary and professor's diary: roamings about painting education*. 2013 190 f. Relatório de Pós Doutorado, realizado no Teachers College na Columbia University em New York, EUA.
- MADERUELO, Javier. *Paisaje: un término artístico*. IN: BULHÕES, Maria Amélia; KERN, Maria Lúcia B. *Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporâneas*. Editora; UFRGS, 2010.
- MAY, Rollo. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª Edição, 1982.
- MEIRA, Marly. *Filosofia da criação – reflexões sobre o sentido do sensível*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- PASTA, Paulo. *A Educação pela pintura*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação*. 5 Edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Intermeios, 2011.
- SULLIVAN, G. *Art Practice as Research: Inquiry in Visual Arts*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.
- VALÉRY, Paul. *Discurso sobre estética*. Poesia e pensamento abstrato. Lisboa: Passagens, 1995.

Recebido em 1/julho/2016

Aprovado em 1/agosto/2016